

Educação e Território: Fragmentos do Alentejo

ORGANIZADORES
Lurdes Pratas Nico
Bravo Nico



cieplue

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Educação e Território: Fragmentos do Alentejo

Educação e Território: Fragmentos do Alentejo

FICHA TÉCNICA

Título:

Educação e Território: Fragmentos do Alentejo

Organizadores:

Lurdes Pratas Nico

Bravo Nico

Edição:

© Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora
(CIEP | UE), 1.ª Edição, Évora, 2024 www.ciep.uevora.pt

Morada:

Colégio Pedro da Fonseca

Rua da Barba Rala, n.º 1, Parque Industrial e Tecnológico de Évora, 7005-345 Évora

Produção e revisão:

Catarina Roque

Teresa Gonçalves

Design gráfico:

©mr-creative.net

Impressão e acabamento

VASP Digital Printing Services – www.vasp.pt

ISBN

978-972-778-419-6

Depósito Legal

539334/24

É expressamente proibido reproduzir, na totalidade ou em parte, sob qualquer forma ou meio, esta obra. Autorizações especiais podem ser requeridas para ciep@uevora.pt

«Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04312/2020»

«Por opção dos respetivos autores, há textos escritos segundo o antigo Acordo Ortográfico.»

Índice

Prefácio	9
I – Contributos da Realidade	10
Agrupamento de Escolas José Régio – Portalegre: Um agrupamento num território de intervenção prioritária (TEIP)	11
Ana Rute Sanguinho	
Acerca das Consequências das Crises de Saúde Pública sobre a Educação – Que Devíamos Nós Já Saber?	25
António Bento Caleiro & Gertrudes Saúde Guerreiro	
Percursos dos Diplomados Pela Universidade de Évora	37
Conceição Rego, Daniela Olo & Leonida Correia	
Os Fatores Mais Geradores de Aprendizagem no Processo Pedagógico, São o Carácter Lúdico e Afetivo das Ações	55
Elisa Maria Batista Chinita de Mira	
A Pandemia e os Seus Atores. Os Monstros que Habitam em Nós. 65	
Elsa Martins & Guilherme Ceia	
Avaliar em Tempos de Pandemia – Que Aprendemos Nós?	71
Gertrudes Saúde Guerreiro & António Bento Caleiro	
Os Portugueses e as Redes Sociais	93
Joaquim Fialho, Elaine Dias & Valéria Macedo	
Escola, Professores e Sociedade: Que Modelos?	107
José Joaquim Letras Pinheiro	
A Rádio, A Prevenção e o Socorro	115
Luís Mota	
A Violência nos Contos Populares Alentejanos. Para uma Hermenêutica no Âmbito de Filosofia da Educação	127
Maria Jacinta Murta	
Dificuldades de Concretização da Diferenciação Curricular Pedagógica, O Que Nos Dizem Professores do Ensino Básico e Secundário De Escolas do Alentejo	145
Marília Favinha & Maria de Lurdes Moreira	

A Universidade Sénior Está Fechada: E Agora?	159
Patrícia Rosado & Luísa Carvalho	
O Exercício Ético é o Começo da Cidadania. A ‘Degustação’ Dos Valores com as Crianças	175
Maria Teresa Santos & Ana Sofia Matos	
Despertar a Matemática Pelas Pinturas Rupestres do Tchitundu-Hulu, Namibe-Angola. Visão Etnomatemática.	191
Alfredo Capitango de Lúcio	
O Papel do Diretor – A Imaginação como recriação do Espaço Pedagógico	207
Manuel Dinis Cabeça	
A Educação Popular no Polo de Redondo da Universidade Popular Túlio Espanca	217
Dora Jeremias	
Entre tempos: Envelhecer e Aprender no Alentejo	225
Alexandra Janeiro, Luísa Carvalho, Ana Fartouce, Abílio Amiguiño & Célia Tavares	
Fórum do Território – Uma Ferramenta de Educação para a Cidadania	243
Brenno Russo, Diogo Coutinho, Fernando Parreira, Gilda Farrell, Hélder Guerreiro, Isabel Raposo, Manuel Coelho, Maria do Rosário Oliveira, Rita Costa, Samuel Thirion, Sérgio Maraschin & Teresa Saraiva	
Recrear – Tempo para Aprender e Brincar: Projeto de intervenção socioeducativa em recreios escolares nas EB1 do concelho de Odemira	253
Isabel Raposo, Rita Costa & Tânia Santos	
Semear e Planear, Cuidar e Crescer. Um Exercício Prático Usando os Objetivos (Interiores) de Desenvolvimento Sustentável para Ensinar Metodologia de Pesquisa a Estudantes Finalistas do Curso de Sociologia.....	267
Rosalina Pisco Costa	
Cidadania e Desenvolvimento. Uma Experiência do AE José Régio, Portalegre	281
Ana Rute Sanguinho & Teresa Castro	

A Importância da Comunicação Parental como Fator de Sucesso no Desenvolvimento Educacional, Pessoal e Social dos Jovens 293

Zélia Belo Torres

A Relevância das Ordens Profissionais na Atualidade..... 307

António Guelha da Rosa

«Lar Doce Lar» e «Faça Favor de Entrar» - Projetos Educativos no Domicílio Promovidos pela Escola Comunitária de São Miguel de Machede..... 321

Patrícia Ramalho, Daniela Lopes, Maria Pencas, Bravo Nico & Lurdes Pratas Nico

Da Universidade Sénior de Vila Viçosa ao Polo da Universidade Popular Túlio Espanca da Universidade de Évora: Vários Trajetos, Um Mesmo Destino..... 327

Licínio Lampreia

II – Contributos dos Estudantes da Universidade de Évora 344

APPACDM, Uma Associação que se concentra na Integração Social..... 345

Alessandra Carvalho & Hariana Baldé

A Relevância que o Referencial de Competências assume no Processo Pedagógico de Ensino Aprendizagem 351

António Guelha da Rosa & Bravo Nico

Ética e Valores na Gestão Escolar: Um Estudo de Caso numa Escola de 2º Ciclo de Ensino Secundário em Moçâmedes, Angola 367

Basílio Domingos

Fatores Determinantes da Intenção Empreendedora na Faculdade de Economia e Gestão, Universidade Nacional Timor Lorosa'E 383

Bia Carvalho de Jesus

Chafariz D'EL Rei & Bairro Senhora da Saúde: Aprendizagens da comunidade..... 405

Catarina Casanova, Margarida Dias & Margarida Batista

Percursos de Qualificação e Emprego em Alandroal: O Período de 1983 a 2013 419

Elisabete Galhardas & Bravo Nico

Causas de Insucesso no 1º Ciclo do Ensino Básico – Perspetivas de Professores sobre as Taxas de Retenção no 4º Ano de Escolaridade 433

Hariana Baldé & Alessandra Carvalho

O Impacto do Aumento das Habilitações Escolares através do Processo RVCC numa Pequena Comunidade Rural do Alentejo: Um Estudo de Caso..... 437

Hugo Rico & Bravo Nico

Desenvolvimento de Processos Escolares e Trabalho em Equipa - Perspetivas de Professores de uma Escola do Alentejo 453

Rúben Soares & Margarida Figo

Perspetivas de Estudantes sobre Influências dos Exames de 9º Ano no Percurso Escolar – Porque São Obrigatórios e Para que nos servem? 465

Margarida Dias, Catarina Casanova & Teresa Gonçalves

A Dimensão Educativa nos Processos de Salvaguarda do Património Cultural Imaterial do Alentejo Classificado pela UNESCO (2008-2020) – O Início do Trilhar de um Caminho 477

Merciana Rita & Bravo Nico

Educação no Concelho de Portel: Muito Mais que Terra e Água..... 491

Rúben Soares & Catarina Henriques

Instituições de Ensino Formal, Não Formal e Informal da Cidade de Lagos 509

Shaina Nazareth

Território e Educação: A Dinâmica Educativa do Concelho de Montemor-o-Novo..... 535

Susana Pereira & Bravo Nico

Reguengos de Monsaraz, uma Cidade Capaz de Educar Adultos? As Filheiras das Indústrias Tradicionais da Olaria e da Cortiça..... 545

Teresa Gonçalves & Margarida Figo

O Potencial Educativo da Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares – Direção de Serviços da Região do Alentejo..... 557

Cláudia Santos, Daniela Martins, Mariana Costa & Sofia Rosa

Educação e Território: Fragmentos do Alentejo

Envelhecer com Qualidade de Vida e Bem-Estar em Estabelecimentos de Apoio Social para Idosos: Contributos das Atividades Educativa 565

Fernanda Narciso, Luísa Carvalho & Lurdes Pratas Nico

Cartografia da Educação Não Formal no Município de Redondo 579

João André & Lurdes Pratas Nico

Associação Aldeia das Ciências..... 591

Ana Marta Lança, Antoninho Soares, Beatriz Prata & Inês Ferreira

“A Fundação Educa” 601

Ana Rita Coelho, Beatriz Francisco, Íris Pato & Joana Campino

Aprendizagens em Contexto Não-Formal Promotoras de Desenvolvimento Local: COMOIPREL, Moura 615

Beatriz Meireles, Francisca Vigia, Margarida Catarino & Margarida Rico

Percursos Profissionais de Qualificação: Dois Casos no Alentejo 625

Inês Chaparro, Diana Pinto, Margarida Godinho & Carolina Barradas

Serviços Educativos em Instituições Não Escolares no Alentejo: Identificação e Breve Caracterização 633

Anita Tinoco & Bravo Nico

Criatividade e Dinâmicas Culturais no Espaço Público. Com o Foco em Évora 649

Maria Teresa Santos, Ângelo Milhano, Afonso Dias, Bruna Guedelha, Carolina Santos, Duarte Gafaniz, Gil Malta, Inês Alho, Inês Guerra & Maria Leonor Justo

O que Sabemos sobre a Dimensão Educativa nos Processos de Salvaguarda do Património Cultural Imaterial Alentejano Aprovados pela UNESCO? 665

Merciana Rita & Bravo Nico

Oportunidades INATEL..... 683

Ândria Botas, Beatriz Silva & Isabel Barros

Duas Vidas em Formação 695

Ana Rita Coelho, Beatriz Francisco, Íris Pato & Joana Campino

Educação vs. Saúde – Contextos de Formação ao Longo da Vida.... 711

Cláudia Santos, Daniela Martins, Mariana Costa & Sofia Rosa

Desafios da Educação em Tempos de Pandemia no Concelho de Montemor-o-Novo: O Papel dos Parceiros Educativos 719

Susana Pereira & Bravo Nico

ADLBC e “Contrato Local de Desenvolvimento Social 4G” – Projetos Promovidos pela Associação Monte 729

Alexandre Santos, Inês Rico, Rafael Rosa & Margarida Correia

Centro Qualifica do Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira de Évora 739

Beatriz Vilhena, Mariana Santos, Patrícia Rosa & Nur Cakirca

Serviços Educativos em Instituições Não Escolares no Alentejo: Identificação e Breve Caracterização

Anita Tinoco | Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora | agetinoco@gmail.com

Bravo Nico | Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora | jbn@uevora.pt

Resumo

Aprendemos em todos os contextos, espaços e lugares. Instituições que, tradicionalmente, não são associadas à área da educação dinamizam, através dos seus serviços educativos, um conjunto de atividades inseridas no âmbito da modalidade de educação não-formal que importa conhecer e caracterizar. A presente comunicação tem como objetivo apresentar o mapeamento de serviços educativos existentes em instituições não escolares no território Alentejo tendo em vista a sua identificação, distribuição geográfica e caracterização. Este estudo segue uma abordagem qualitativa e enquadra-se num projeto de investigação do Programa de Doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Évora que pretende conhecer e caracterizar o perfil concretizado nos serviços educativos em instituições não escolares na região Alentejo. Os resultados provisórios da investigação em curso contabilizam cerca de 200 instituições com serviços educativos e demonstram que estes apresentam diferentes níveis/ graus de estruturação. Revelam, ainda, uma preponderância de serviços educativos em instituições culturais e uma maior incidência de serviços educativos na sub-região Alentejo Central.

Palavras-chave: serviços educativos, instituições não escolares, educação não-formal.

Introdução

O presente artigo resulta do trabalho desenvolvido no âmbito de uma investigação do Programa de Doutoramento em Ciências da Educação que visa efetuar uma “fotografia” dos serviços educativos localizados no território Alentejo.

A crescente importância atribuída à modalidade de educação não-formal, nomeadamente no que prende com a aprendizagem ao longo da vida e a existência serviços educativos em instituições ligadas a outras áreas de atividade que não o ensino, justificam a razão desta investigação.

Neste artigo, num primeiro momento, efetua-se o enquadramento teórico do tema e, de seguida, apresentam-se os resultados apurados durante o processo de levantamento/identificação dos serviços educativos em instituições não escolares na região Alentejo.

Enquadramento teórico

O enquadramento teórico é constituído das leituras realizadas acerca dos conceitos essenciais que fundamentam a investigação. Deste modo, os próximos pontos discutem as modalidades de educação (formal, não-formal e informal), seguindo-se o conceito de serviço educativo e suas características.

Modalidades de educação

O primado da educação tem sido atribuído às instituições formais de ensino, como são exemplo as escolas, as universidades e os institutos politécnicos. Não obstante, num contexto de acelerada transformação da sociedade devido à revolução científico-tecnológica e informacional, tem-se verificado um alargamento do conceito de educação, tanto em termos temporais como espaciais, contribuindo para a crescente importância atribuídas às instituições não escolares no domínio da educação.

A educação deixou de estar ligada apenas à infância/juventude para ocorrer ao longo de toda a vida, daí que a educação, enquanto “prática social complexa e constante, multifacetada. Ocorre também fora na escola, em outras instâncias culturais, como: bibliotecas,

museus, cinemas, televisão, internet, família, clube, bairro, vizinhança etc.” (Araújo, 2017, p.215). Assim, a educação está presente em diferentes contextos, valoriza as experiências vividas e as competências adquiridas, numa lógica de aprendizagem ao longo da vida, podendo assumir diferentes modalidades: educação formal, não formal e informal, que se interligam e complementam entre si.

A educação formal é aquela que ocorre dentro das instituições de ensino e que segue normas de organização bem definidas, visando a certificação das aprendizagens. Esta modalidade de educação ocorre num contexto de aprendizagem estruturado, sendo a aprendizagem intencional. Sobre este assunto, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) refere que “a aprendizagem formal ocorre como resultado de experiências numa instituição de ensino ou formação, com objetivos de aprendizagem estruturados, tempo de aprendizagem e apoio que leva à certificação. A aprendizagem formal é intencional do ponto de vista do formando” (UNESCO, 2009, p. 27, cit. por Rogers, 2019, p. 517).

Por seu lado, a educação não-formal, acontece fora do sistema regular de ensino. Caracteriza-se por ter uma intencionalidade educativa, mas não visar a certificação. Segundo Gohn (2020) “a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de partilha de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (Gohn, 2020, p.12). Os espaços educativos onde ocorre a educação não-formal encontram-se no quotidiano do indivíduo, ou seja, “localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais” (Gohn, 2006, p.29). Estes espaços podem ter maior ou menor grau de organização e estarem presentes nos mais diversos contextos, podendo funcionar como uma extensão da educação formal.

A educação não-formal está intimamente relacionada com a aprendizagem ao longo da vida daí que o seu principal objetivo seja o “desenvolvimento de saberes e competências, um vasto conjunto de valores sociais e éticos, tais como os direitos humanos, a tolerância, a promoção da paz, a solidariedade e a justiça social” (Pinto, 2005, p.

5), possibilitando que cada indivíduo tenha acesso a novos conhecimentos e efetue novas aprendizagens ao longo da vida.

Relativamente à educação informal, esta “consiste num processo permanente em que, como ser inacabado e curioso, a pessoa afirma e constrói a sua especificidade humana, interrogando-se, construindo conhecimento sobre o mundo e sobre a forma de nele intervir” (Canário, 2006, p.1). No mesmo sentido, Patrício considera que a educação informal “é um processo espontâneo de aprender. Ela ocorre das aprendizagens involuntárias, não organizadas nem deliberadas, mas com sabedoria e baseadas na experiência, realizadas em contextos da vida quotidiana em socialização com amigos, família e comunidade. (Patrício, 2019, p.105). Por conseguinte, a educação informal corresponde àquela que tem lugar no dia a dia, em contextos sociais como a família, o trabalho, a comunidade, etc, não sendo revestida de intencionalidade nem de organização, aprendendo-se durante os processos de socialização (Gohn, 2006).

Apesar desta visão tripartida da educação, as diferentes modalidades não se excluem mutuamente, pelo contrário, complementam-se e acima de tudo colocam em evidência que “there is no single right way to learn things, and no single place or even moment in which we learn. All of our learning happens continuously, from many different sources, and in many different ways” (Falk, 2002, p. 62).

Serviços educativos nos espaços de educação não-formal

Os espaços de educação não-formal podem ser verdadeiros aliados das instituições escolares complementando e consolidando as aprendizagens realizadas em contexto formal, mas também importantes promotores da aprendizagem ao longo da vida. Por espaço não-formal de educação entende-se os locais, institucionalizados ou não, onde ações educativas podem desenvolver-se, mas sem a obrigatoriedade das metas curriculares e metodologias que se impõem nos ambientes escolares, definidos como espaço formal de educação (Jacobucci, 2008).

Ribeiro e Castro (2021) englobam na categoria dos locais que são instituições as “bibliotecas, arquivos, museus, centros de ciência, centros culturais, parques ecológicos e zoo-botânicos, jardins

botânicos, planetários e aquários” (p. 47); em contrapartida, consideram que “os teatros, parques, cinemas, espaços desportivos, espaços urbanos, praias” (idem) se enquadram na categoria de locais que não são instituições.

Muitas instituições não escolares possuem serviços educativos que promovem um conjunto de iniciativas com interesse para a área da educação. Na perspectiva de Clara Frayão Camacho, serviço educativo “corresponde a uma estrutura organizada, dotada de recursos mínimos, designadamente pessoal, inscrita organicamente no museu em que se insere, mesmo que de maneira informal, que desenvolve acções dirigidas ao público, com objetivos educativos” (Camacho, 2007, p. 28). Efetivamente, a autora entende que para ser considerado como um serviço educativo deve ter uma existência formal na instituição, ter recursos humanos e materiais afetos e realizar atividades educativas destinadas a um determinado público, caso contrário, não corresponderá a um verdadeiro serviço educativo (Camacho, 2007).

Para Lameiras (2008)

“o conceito de serviço educativo (...) corresponde a uma equipa interna e operante no museu, dotada de um mínimo de profissionais qualificados, estruturada em função da missão pedagógica institucional que detém objetivos claros de mediação para a educação em torno da coleção, articulando o seu trabalho com as restantes disciplinas internas de forma a promover e a incentivar ações participativas para os públicos” (p.41)

As duas definições colocam em evidência a função educativa daqueles serviços e mencionam a necessidade de estes estarem dotados de meios humanos e do facto das suas atividades se destinarem a um público. No caso da segunda definição, é atribuído ao serviço educativo o papel de mediador, ou seja, o serviço educativo enquanto agente de comunicação efetua a mediação dos conteúdos, obras e/ou objetos, etc., e, por essa via, promove a aquisição e ampliação dos conhecimentos do público. A este propósito, destacar a ação do serviço educativo na criação e fidelização de públicos, uma vez que a

realização de atividades educativas permitem aproximar o público da instituição.

Outro aspeto a destacar em relação aos serviços educativos é o facto de efetuarem o “cruzamento entre o lazer e aprendizagem” (Barriga & Silva, 2007, p.9). A aprendizagem lúdica potencia experiências significativas, pelo que “a aprendizagem lúdica tem efeitos duradouros e propicia memórias significativas na experiência dos participantes, estimulando a sua criatividade e capacidade de responder aos desafios. Associado ao universo do prazer, a abordagem lúdica permite a construção de uma relação de familiaridade que potencia a inteligência emocional” (Silva, 2007, p. 61).

Os serviços educativos, em particular os ligados à área da cultura, desempenham um papel relevante na divulgação e valorização do património, aproximando-os dos públicos e criando um sentimento de pertença. Nesse sentido, o serviço educativo atua na construção de uma relação de proximidade e na valorização do património, tornando-o acessível e disponível para ser explorado e apreciado.

Procedimentos Metodológicos

Considerando que a educação deixou de ser um exclusivo das instituições de ensino e de que o indivíduo está em constante processo de aprendizagem ao longo da vida e considerando que existem um conjunto de instituições não escolares promovem diversas atividades com interesse para a área da educação, surgiu o interesse em conhecer e caracterizar essas instituições e atividades educativas nas instituições não formais de educação, localizadas na região Alentejo.

Neste contexto, emergiu a seguinte questão de investigação: *Que serviços educativos existem em instituições não escolares na região Alentejo e como se caracteriza o perfil pedagógico em que se estrutura a sua atividade?* Para responder à questão formulada definiu-se o seguinte objetivo geral: Conhecer e caracterizar o perfil pedagógico concretizado nos serviços educativos de instituições não escolares da região Alentejo. Como objetivos específicos propôs-se: 1) Identificar os serviços educativos existentes em instituições não escolares da

região Alentejo; 2) Construir uma categorização dos serviços educativos em instituições não escolares da região Alentejo, com base nas atividades principais das diferentes instituições; 3) Caracterizar as atividades promovidas, os recursos (humanos e materiais) e público-alvo dos serviços educativos em instituições não escolares na região Alentejo.

A investigação obedece a um desenho típico de um estudo de carácter empírico não experimental, inscrito num paradigma interpretativo, de abordagem qualitativa e na modalidade de estudo de caso múltiplo, com recurso à análise documental e ao inquérito por entrevista semiestruturada à qual será aplicada a técnica de análise de conteúdo.

Apresentação e discussão de resultados

Os resultados que se apresentam derivam de uma investigação mais alargada realizada no âmbito do Programa de Doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Évora e correspondem à fase inicial da investigação que consiste na identificação e breve caracterização dos serviços educativos de instituições não escolares localizados na região Alentejo.

A presente investigação tem como abrangência territorial a região Alentejo composta por quatro subregiões, a saber: Alto Alentejo, Alentejo Central, Alentejo Litoral e Baixo Alentejo, num total de 47 concelhos, sendo que 14 pertencem ao distrito de Beja, 14 ao distrito de Évora, 15 ao distrito de Portalegre e 4 ao distrito de Setúbal.

Na fase inicial da investigação, procedeu-se à identificação dos serviços educativos localizados em instituições não escolares no território Alentejo. Para esse efeito, foi efetuada uma pesquisa *online* nos *sites* das instituições com o intuito verificar a existência de serviços educativos e recolher alguma informação sobre as suas atividades educativas. Deste trabalho resultou a identificação de 193 serviços educativos existentes em instituições não escolares da região Alentejo.

Os serviços educativos localizados apresentam a seguinte proveniência geográfica:

TABELA 1. SERVIÇOS EDUCATIVOS POR SUBREGIÃO DO ALENTEJO

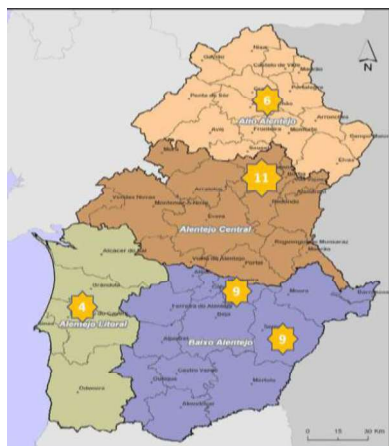
Subregião do Alentejo	N.º de Serviços Educativos (SE)	Concelhos com maior número de SE	
Alentejo Central	80	Estremoz	11
Alentejo Litoral	13	Santiago do Cacém	4
Alto Alentejo	40	Alter do Chão	6
Baixo Alentejo	60	Vidigueira e Serpa	9

Fonte: Elaboração Própria.

A leitura dos dados constantes na tabela anterior demonstra que a subregião Alentejo Central é a que reúne maior número de serviços educativos identificados em instituições não escolares, seguida do Baixo Alentejo com 60 e do Alto Alentejo com 40. Em contrapartida, a subregião com menor número de serviços educativos identificados é o Alentejo Litoral, com 13.

Numa análise por concelho e subregião, Estremoz, no Alentejo Central, destaca-se como o concelho com maior número de serviços educativos identificados (onze) em instituições não escolares; Serpa e Vidigueira, no Baixo Alentejo, contabilizam nove serviços educativos, respetivamente. Em Alter do Chão, no Alto Alentejo, foram identificados seis serviços educativos e em Santiago do Cacém, no Alentejo Litoral, quatro serviços educativos.

FIGURA 1 – CONCELHOS COM MAIOR NÚMERO DE SE POR SUBREGIÃO



Fonte: Google Imagens.

No total dos 47 concelhos, os resultados apurados demonstram que os cinco concelhos onde foram identificados mais serviços educativos associados a instituições não escolares foram os concelhos de Estremoz, com onze, Évora, Reguengos de Monsaraz e Serpa, com nove e Beja com oito serviços educativos identificados, ou seja, a pesquisa efetuada revela que os serviços educativos existem em maior número nos concelhos pertencentes à subregião Alentejo Central e Baixo Alentejo, encontrando-se em linha com os resultados gerais obtidos por subregião.

Por seu lado e no que se refere aos concelhos com menor número de serviços educativos em instituições não escolares, o levantamento efetuado demonstrou que dos 193 serviços educativos localizados, existem sete concelhos onde apenas foi identificado um serviço educativo. A saber: Castelo de Vide, Crato, Gavião, Marvão, Monforte, na subregião Alto Alentejo e Alvão e Ourique, na subregião Baixo Alentejo.

Partindo dos dados recolhidos durante o levantamento, os diferentes serviços educativos foram agrupados em quatro categorias: *ciência*, *cultura*, *economia* e *sociedade civil*. A criação destas categorias baseou-se em dois critérios:

(i) por um lado, a atividade principal da instituição à qual o serviço educativo pertencia;

(ii) por outro lado, o tipo de atividades e aprendizagens promovidas.

Da categoria *ciência* fazem parte os serviços educativos e instituições que desenvolvem atividades com uma componente de experimentação, nomeadamente aquários/fluviários, observatórios, centros de ciência vida e centros interpretativos. A categoria *cultura* é constituída por serviços educativos inseridos em museus, bibliotecas, arquivos e centros de artes, ou seja, estão inseridos em instituições cuja missão consiste na salvaguarda, preservação e divulgação do património e da cultura. Na categoria *economia* foram integrados os serviços educativos existentes em empresas e outras entidades que têm como objetivo o lucro. Por fim, a categoria sociedade civil conta com serviços educativos criados no seio de fundações, associações e cooperativas, ou seja, instituições resultam da iniciativa da comunidade.

A aplicação destas categorias aos 193 serviços educativos identificados, originou os resultados constantes na tabela abaixo:

TABELA 2. CATEGORIAS DE SERVIÇOS EDUCATIVOS POR SUBREGIÃO

Subregião do Alentejo	Categoria de Serviço Educativo				Total
	Ciência	Cultura	Economia	Sociedade Civil	
Alentejo Central	13	42	16	9	80
Alentejo Litoral	2	9	1	1	13
Alto Alentejo	5	26	5	4	40
Baixo Alentejo	2	40	9	9	60
Total	22	117	31	23	193

Fonte: Elaboração Própria.

Analisando os resultados, verifica-se que a categoria *cultura* é a que apresenta maior número de serviços educativos identificados, ou seja, 117 dos 193 SE identificados o que corresponde a cerca de 60% da totalidade dos serviços educativos apurados durante a fase de levantamento. Os museus e bibliotecas são exemplos de instituições que se enquadram nesta categoria e o facto destes se encontrarem disseminados pelo território Alentejo faz com que a categoria cultura corresponda à categoria que tem maior preponderância. Referir que a biblioteca municipal é o único serviço educativo identificado em alguns dos concelhos da região Alentejo, nomeadamente nos casos dos concelhos de Castelo de Vide, Crato, Gavião, Monforte, Alvíto e Ourique.

Em sentido contrário, a categoria *ciência* é aquela que contabiliza menor número de serviços educativos, um total de 22, logo seguida da categoria *sociedade civil* com 23 serviços educativos. A categoria *economia* conta com 31 serviços educativos identificados e dela fazem parte sobretudo empresas ligadas à vinicultura e enoturismo.

Após a categorização dos diferentes serviços educativos procedeu-se à sua hierarquização em níveis em função de quatro critérios:

- 1) efetuar o acolhimento de visitantes/realização de visitas;
- 2) possuir espaço dedicado para a realização de atividades educativas;
- 3) dinamizar e disponibilizar atividades regularmente;
- 4) possuir estruturas técnicas e humanas dedicadas às atividades educativas.

Os serviços educativos foram hierarquizados em quatro níveis consoante o grau de cumprimento dos critérios atrás definidos. Assim, os serviços educativos que cumprem a totalidade dos critérios foram posicionados no **nível A**, os serviços educativos que cumprem os três primeiros critérios foram colocados no **nível B**, os que apenas cumprem os critérios 1 e 2 constam do **nível C** e os serviços educativos que se limitam a fazer o acolhimento de visitantes e a realizar visitas pertencem ao **nível D**.

Os serviços educativos que se encontram no nível A apresentam um maior grau de estruturação, pois encontram-se dotados de meios

humanos, materiais e infraestruturas dedicadas. Além disso, dinamizam com regularidade atividades educativas. Por seu lado, os serviços educativos posicionados no nível D não apresentam nem espaços dedicados nem realizam com frequência e regularidade atividades de carácter educativo, nem têm recursos afetos, sejam recursos humanos, seja equipamentos e/ou espaços para a promoção das atividades educativas.

Os resultados apurados até ao momento no âmbito da investigação em curso demonstram que são poucos os serviços com maior grau de complexidade no funcionamento e organização e que a larga maioria dos serviços identificados no processo de levantamento se posiciona no nível mais baixo de estruturação. Em termos numéricos o resultado são os seguintes, por níveis de hierarquização:

TABELA 2. HIERARQUIZAÇÃO DE SERVIÇOS EDUCATIVOS

Hierarquização de Serviços Educativos			
Nível A	Nível B	Nível C	Nível D
13	9	74	97

Fonte: Elaboração Própria.

Atentos os dados atrás apresentados, verifica-se que 50,25% dos serviços educativos identificados se posiciona no nível D, ou seja, no nível que corresponde ao menor grau de estruturação (acolhimento/realização de visitas) e que os serviços educativos identificados com o nível A representam a 6,7% da totalidade dos serviços, sendo, por isso, residual o número de serviços educativos que cumpre os quatro critérios definidos para efeitos de hierarquização.

A hierarquização de serviços educativos revela ainda que a categoria *ciência* é aquela que apresenta maior incidência no nível A e que a cultura é a categoria com maior número de serviços educativos posicionados no nível D.

Embora os resultados apresentados sejam provisórios já permitem compreender onde se localizam no território os serviços educativos e qual a natureza das instituições que os acolhem. Permitem também

compreender qual a área de atuação/categoria em que se enquadram os serviços educativos bem como qual o seu grau de organização e estruturação.

Considerações finais

A escola não é o único espaço de aquisição de saber, sendo inequívoca a articulação e complementaridade entre as diferentes modalidades de educação.

A educação não formal tem vindo a ganhar importância e nesse domínio as instituições não escolares, em concreto, os serviços educativos em instituições não escolares ocupam um lugar central na promoção de atividades que concorrem para a realização de aprendizagens ao longo da vida.

O levantamento efetuado apurou a existência de 193 serviços educativos integrados em instituições não escolares na região Alentejo, sendo que a maior parte se localiza na subregião Alto Alentejo e maioritariamente inseridos em instituições ligadas à área da cultura.

A hierarquização dos serviços educativos por níveis em função de quatro critérios revela que apenas um número residual de serviços cumpre a totalidade dos critérios. A sua grande maioria apenas efetua o acolhimento de visitantes/realiza visitas, sendo muito poucos os serviços que têm meios humanos e técnicos e espaços dedicados à realização de atividades educativas promovidas de forma regular.

Referências Bibliográficas

- Araújo, H. (2017). Educar através da (s) memória (s). *e-Mosaicos*, 6(12), 214-225.
- Barriga, S. & Silva, S.G.(Coord.). (2007). *Serviços Educativos na Cultura*. Setepés.
- Camacho, C. F. (2007). Serviços educativos na Rede Portuguesa de Museus: Panorâmica e perspectivas. In Barriga, S., & Silva, S. G. (Coord.). *Serviços Educativos na Cultura* (pp. 26-41). Setepés.

- Canário, R. (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In CNE, *A Educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação* (pp. 195-247). Conselho Nacional de Educação.
- Falk, J. H. (2002). The contribution of free-choice learning to public understanding of science. *Interciencia*, 27(2), 62-65.
- Gohn, M. (2006). Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 14(50), 27-38.
- Gohn, M. (2020). Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos(ãs) em tempos de coronavírus. *Revista Humanidades e Inovação*, 7(7), 9-20.
- Jacobucci, D. (2008). Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. *Revista Em Extensão*, 7(1), 55-66.
- Lameiras, C. (2023). *Serviços Educativos em Contexto Museológico Contributos da Educação pela Arte* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade da Beira Interior.
- Patrício, M. (2019). Educação formal, não formal e informal. In M.J. Brites; I. Amaral; M.T. Silva (Eds.), *Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar* (105-107). CECS.
- Pinto, L. (2005). Sobre educação não-formal. *Cadernos D'Inducar*, 1-7.
- Ribeiro, M. do C., & Castro, M. (2021). Educação não formal: percepções e potencialidades formativas. *Eduser - Revista De Educação*, 13(2), 45-61. <https://doi.org/10.34620/eduser.v13i2.166>
- Rogers, A. (2019). *Second-generation non-formal education and the sustainable development goals: operationalising the SDGs through community learning centres*. *International Journal of Lifelong Education*, 38(5), 515-526.

Silva, S. G. (2007). Enquadramento teórico para uma prática educativa nos museus. In Barriga, S., & Silva, S. G. (Coord.), *Serviços Educativos na Cultura* (pp. 57-66). Setepés.